

## Terra Pura do Buda da Medicina

Transcrição do áudio #06 da Prática do Buda da Medicina  
Ensinamentos por Lama Padma Samten no dia 18/04/2020

Já olhamos os quatro primeiros votos do Buda da Medicina.

Nesse ponto, o mestre Hsing Yün comenta sobre a Terra Pura do Buda da Medicina. Em seu livro “O Sutra do Buda da Medicina” ele diz que a terra do Buda da Medicina é descrita como *Terra Imaculada da Radiância do Cristal*, o mundo de abundância. Quando examinamos essas expressões, nesse caso também os votos, precisamos entender que, pela maturidade da prática correspondente aos votos é que se manifesta a visão correspondente à terra pura. A visão amadurece pela prática de contemplação surge na forma da experiência de mundo. Essa experiência de mundo, a partir do olhar dos votos e o olhar do Buda da Medicina – esse mesmo mundo – aparece então como a terra pura do Buda da Medicina.

Esse é um ponto interessante. Para entender isso, é necessário compreender a noção da vacuidade – as aparências coemergem com a mente do observador – desse modo pode-se entender como um mundo complexo, de repente, surge como a terra pura. O segredo disso não está na substância que se altera, mas na visão do Buda, como ele olha. Nós temos uma sensação densa de realidade do mundo como ele se apresenta para nós e essa densidade vem associada a experiência que as outras pessoas também tem desse mundo, e como que elas compartilham conosco.

Na perspectiva budista, mesmo a ciência, opera numa visão que chamaríamos de filosofia natural, que inclui ou está baseada, na separação completa entre o que é visto e a posição da mente. A posição da mente não é considerada, não é levada em conta, ainda que sob o ponto de vista prático, isso ocorra o tempo todo. Quando olhamos a evolução da ciência, vemos a evolução da visão junto com transformação das aparências – a visão que as pessoas têm sobre as aparências. Assim é que a ciência segue evoluindo: a visão que os cientistas têm sobre as aparências vai mudando, é simples. Ainda assim, não se aprofunda no estudo do fenômeno do surgimento não dual da aparência com a própria mente de quem olha, mas podemos utilizar os fenômenos todos da ciência, da cosmologia, da astronomia, etc., e constatamos que no passado tudo era visto de um certo jeito, depois de outro jeito e agora nós vemos ainda de um outro jeito e pode ser que daqui a pouco, as visões novamente se alterem.

Precisamos entender como que aparências surgem aos olhos de quem vê. Na linguagem budista isso é definido por *visão*. O Buda Primordial, entendendo esse processo todo, vê como as coisas todas são construídas e não tem nenhum apego à aparência que as coisas possam ter. O equilíbrio se dá em outra direção. Já os seres do samsara, justo porque produzem a experiência de um mundo externo e reagem a esse mundo através dos doze elos da originação dependente, a energia deles se move por gostar ou não gostar, por desejo/apego a esse gostar e não gostar. Assim a energia surgida do desejo/apego, termina sendo a base referencial que permite a sensação de existência da identidade e existência dos seres.

Quando contemplamos a experiência da existência que somos, encontramos as impressões mentais, é o que parece ter mais estabilidade, mas são flutuantes..., não encontramos uma base... Os ensinamentos mais profundos tratam de localizar essa base. É uma questão essencial! Essa base é associada a Natureza Primordial.

Quando a noção da Natureza Primordial é muito clara, vemos que são a base de todas as experiências – ainda que aparentemente originadas de situações externas, a partir de olhos, ouvidos, nariz, língua e tato. Por isso que nos altares se faz as oferendas iradas que representam a operação dos olhos, ouvidos, nariz, língua e tato, e também da mente. Oferenda significa ultrapassar as limitações de olhos, ouvidos, nariz, língua, tato e mente – é a prática da lucidez que ultrapassa as limitações com respeito a isso. De modo geral, quando operamos a partir de olhos, nariz, ouvidos, nariz, língua, tato e mente, tudo parece muito sólido, muito real. Precisamos ultrapassar essas limitações, é a visão do Buda Primordial.

Como todas as deidades, não apenas o Buda da Medicina, mas todas as deidades são inseparáveis do Buda Primordial, são aparências do Buda Primordial. A terra pura do Buda da Medicina, é chamada de Terra Pura da Radiância do Cristal. Aos olhos do Buda Primordial, todas as coisas são translúcidas no sentido que elas não possuem a aparência que elas têm. Há uma forma, mas podemos penetrar na forma, ficar limitados à forma. No caso das aparências todas, de modo geral, olhamos a luz externa, nesse caso não somos capazes de penetrar no objeto, mas quando vemos desde a luz interna, o objeto se manifesta translúcido -- não no sentido visual da visão externa – ele fica translúcido no sentido de que ele se desnuda, ele perde a solidez da aparência unilateral. Quando, por exemplo, dizemos que as aparências ficam como cristais, significa que a forma não obstaculiza o que podemos ver desde a luz interna. O Buda diz: *vocês são cegos porque veem*, mas como as coisas ficam cristais, a visão não é obstaculizada pela forma. Quando a visão do Buda Primordial surge, ele olha as portas como portas, mas ele não fica preso à visão de porta, ou seja, cada objeto é totalmente livre da aparência que ele manifesta, porque nós podemos dar outros significados, vamos trocando os mundos internos, vamos fazendo coemergir outras aparências. É muito prático, todos fazemos isso.

Reconhecer que os objetos, enfim, coemergem com a forma pela qual o observador coloca a mente, dá origem a expressão *Radiância Luminosa*, que é a Radiância Luminosa da Clara Luz, a luz que aparece nos sonhos à noite, a luz da mente. A luz da mente produz as múltiplas aparências.

Aqui na sala, temos troncos de eucalipto no alicerce. Temos muitos troncos de eucalipto que sustentam o teto e a construção toda. Naturalmente olhamos as árvores como árvores, depois o tronco como tronco e depois como postes. Vamos mudando o nosso olhar. O que nós vemos, vemos a partir de clara luz, se chama isso aqui de poste hoje, é construção da clara luz. Mais adiante, o olhar pode mudar e ver como lenha. Sempre clara luz.

O fato que olhamos além da forma é o aspecto cristalino; a radiância na forma é reconhecimento do aspecto que produz as múltiplas manifestações.

Poderíamos dizer que todas as terras puras têm a qualidade da radiância de cristal, mas a Terra Pura do Buda da Medicina, é a Terra Pura da Radiância de Cristal, e é um mundo de abundância.

Naturalmente se estamos operando com bodicita, voltados para produzir benefícios aos seres, temos abundância no sentido interno porque bodicita nos sustenta, nos satisfaz completamente. E temos abundância no sentido externo, porque na medida que nós praticamos bodicita, surgem muitos méritos. Essencialmente, os seres que se devotam a produzir benefícios aos outros seres, mesmo que eles não tenham essa intenção, são apoiados e sustentados, e mundo todo os beneficia.

Na verdade, o mundo, como sua santidade Dalai Lama diz, não é sustentado pelo paradigma econômico, pela moeda, pelo dinheiro, pelo mundo financeiro, ele é sustentado pela compaixão, pelo olhar compassivo.

SS Dalai Lama diz: todas as pessoas aqui estão – referindo-se à plateia a qual ele se dirigia – porque as mães os cuidaram, os pais cuidaram, ou alguém cuidou, sem nenhum interesse econômico. Os benfeitores cuidam a fundo perdido... Não pensam em algum tipo de vantagem – essa é a razão que permite que o mundo ainda funcione.

Nesses tempo que nós estamos vivendo, esses dias que nós estamos vivendo, a partir dessa crise, a força que aparece pra sustentar as pessoas, é a compaixão. Mesmo pessoas sem recursos apoiam pessoas sem recursos. Encontramos organizações maiores ou menores manifestando compaixão, o que parece perdulário a visão comum, porque a princípio estão ali para lucrar, mas esquecem disso e manifestam compaixão. Muitas pessoas, em diferentes condições econômicas passam a se dedicar e ajudar os outros, é muito notável. Essa é uma característica da terra pura do Buda da Medicina – a abundância.

Os seres que ali se encontram não são afligidos por preocupações de ordem econômica. Isso lembra a imagem de Tupambaé, ou seja, a imagem que os Guarani guardam do mundo. Eles guardam uma imagem de abundância, o mundo sustentou todas as gerações antes da geração atual, então a geração atual fica despreocupada, e Tupã irá sustentar as gerações futuras também. Eles dizem que essa posição dos brancos de ficarem sempre aflitos, sempre se organizando mais e mais, achando que vai faltar, vai faltar, esse é um tipo de loucura. Eles dizem que nos tempos passados, o mundo os sustentou, ou seja Tupã, tudo que há aqui ao redor é Tupambaé, nunca tivemos nenhuma preocupação, não falta peixe, não falta água, não falta nada. Se observa que quando surgiu a civilização, surgiu o sentido de carência. Os arqueólogos localizaram que quando os seres humanos começam a se organizar desse modo, começa a surgir raquitismo que é uma característica da escravidão, ou seja, as pessoas não são todas iguais. Quando surge essa estrutura, surge a exclusão e surge fome.

Interessante. Talvez uma geração ou duas, ninguém vai entender isso, porque nós estamos tão imersos no mundo da carência, que não parece possível compreender.

O mundo econômico, é o mundo da carência, mas a terra pura do Buda da Medicina é a terra pura da abundância.

Porque surge bodicita e surge a compreensão do aspecto mágico do mundo. Quando estamos aqui agora recitando e praticando o nosso olhar com relação as aparências todas, estamos construindo com olhar a terra pura. Não basta ouvir sobre isso, precisamos fazer as contemplações. Olhamos os vários lugares, reconhecemos a natureza búdica nos seres e suas dificuldades estruturais. Enquanto olhamos, o nosso olhar muda e quando o olhar muda, com o tempo, vemos o mundo todo de modo diferente – esse mundo que começa a surgir é a terra pura do Buda da Medicina.

O mestre Hsing Yün descreve também a terra pura como composta de seres que não tem uma definição de gênero. Esse é um ponto interessante. O Sutra do Coração, se diz “homens ou mulheres, podem fazer essa prática”, é mais ou menos isso. Essencialmente, quando penetramos no aspecto de visão, sendo homens ou mulheres, não faz diferença, porque a visão é lucidez, não tem gênero. A terra pura surge da lucidez, além das construções de gênero, além das limitações. No Sutra do Buda da Medicina é descrito desse modo.

Não podemos afirmar que a visão do Buda Samanthabhadra pertence ao gênero masculino ou ao gênero feminino. Se contemplarmos a vacuidade Kadag desde a abordagem taoísta Yin Yang, o espaço que representa Kadag é completamente Yin, o extremo Yin, não obstaculizada coisa alguma, não se contrapõe e não se impõe, só acolhe. Mas por outro lado, paradoxalmente é também o extremo Yang, porque não tem como ser derrubado, não pode ser destruído, não flutua diante da aparência que for, é incessantemente presente, é o extremo Yang. Não há nada que sendo mais Yang possa surgir, desafiar e derrubar o espaço. O espaço corresponde a Kadag, o aspecto último, lúcido, auto existente, naturalmente além de gênero, além de yin-yang, além de dualidade. O Buda primordial Samantabhadra, a visão última, Kadag, não tem gênero. As escolhas de gêneros, as manifestações de gênero, são construções, são sustentadas, tem um nível sutil, e dele surge o nível grosseiro. Bodicita não tem gênero.